

| A crise econômica na Europa*

Karl Marx

Londres, 26 de setembro de 1856

O que distingue o presente período de especulação na Europa é a universalidade de sua violência. Antes havia obsessão por especulação – manias de cereal, de ferrovias, de mineração, bancárias, da fição de algodão –, em resumo, especulações de todas as formas possíveis; mas na época das grandes crises comerciais de 1817, 1825, 1836, 1846-47, embora cada ramo do empreendimento industrial e comercial fosse afetado, uma obsessão principal deu a cada época o seu tom e caráter distinto. Cada departamento sendo invadido pelo espírito da especulação, cada especulador ainda confinado dentro de seu departamento. Ao contrário, o princípio dominante do *Crédit Mobilier*, o representante da atual obsessão, não é especular numa dada linha, mas especular em especulação e universalizar a trapaça no mesmo grau em que ele a centralizou. Além disso, há uma outra diferença na origem e no crescimento da presente obsessão, que não começou na Inglaterra, mas na França. A presente corrida dos especuladores franceses encontra-se na mesma relação para os especuladores ingleses das épocas acima mencionadas, como os deistas-franceses do século dezoito encontravam-se para os deistas-ingleses do século dezessete. Uns forneciam o material enquanto outros produziam a forma generalizada que possibilitava o deísmo ser propagado por todo o mundo civilizado do século dezoito. Os ingleses estão propensos a se felicitar pela transferência do foco de especulação de sua ilha livre e sóbria para o continente desordenado e despoticamente conduzido; mas em seguida esquecem a intensa ansiedade com a qual observam o balanço mensal do banco da França, que influi na pilha de lingotes de ouro e prata no santuário do banco da Inglaterra; esquecem que é o capital inglês que em grande medida abastece as grandes artérias dos *Crédits Mobiliers* Europeus com o líquido divino, esquecem que o “rumor” do comércio e da produção abundantes na Inglaterra, que agora estão exaltando por ter alcançado a quantia de quase 110 milhões de libras de exportação, é o resultado direto da especulação “silenciosa” que denunciam no continente, tanto quanto a sua política liberal de 1854 e 1856 é o resultado do golpe de estado de Bonaparte. Ainda não pode ser negado que eles são inocentes pela criação daquela curiosa mistura do Socialismo Imperial, pela especulação Sansimoniana e pela trapaça filosófica que

* Primeira publicação no *New York Daily Tribune*, nº 4828, em 09/10/1856, como artigo de fundo sob o título “The Economic crisis in Europe”. Traduzido por Paulo Barsotti e revisado por Jair Pinheiro.

compõe aquilo que é chamado de *Crédit Mobilier*. Em forte contradição com este refinamento continental, a especulação inglesa voltou para sua forma mais grosseira e vulgar, visível, sem verniz e acabada. A fraude era o mistério de Paul, Strahan & Bates; da memória do Tipperary Bank of Sadleir; das grandes operações de Cole, Davidson & Gordon, assim como é o conto triste, mas simples, do Royal British Bank of Londres.

Para um grupo de diretores consumir um capital de uma companhia, enquanto encorajam seus acionistas por altos dividendos e seduzem depositantes e novos acionistas através de contas fraudulentas, não é necessário um alto grau de refinamento. Nada é exigido a não ser a lei inglesa. O caso do Royal British Bank provocou sensação, não tanto por causa do capital como do número de gente miúda envolvida, entre acionistas e depositantes. A divisão do trabalho para este negócio parece ter sido muito simples, realmente. Havia dois grupos de diretores, um contente em embolsar seu salário de \$10.000 ao ano por nada saber dos negócios do Banco e manter suas consciências tranquilas, o outro concentrado na real direção do Banco, somente para serem seus primeiros compradores ou mais propriamente, saqueadores. Esta última classe, sendo dependente dos favores dos gerentes, imediatamente começa deixando o gerente se acomodar. Além do gerente eles devem contar com o segredo dos auditores e advogados da Companhia, que conseqüentemente recebem suborno na forma de adiantamentos. Em complemento aos adiantamentos feitos a si próprios e seus parentes em seus nomes, os diretores e gerentes arrumaram vários testas de ferro em nome dos quais embolsam mais adiantamento. O capital total pago chega agora à quantia de 150.000 libras das quais 121.840 foram absorvidas direta e indiretamente por seus diretores. O fundador da Companhia, Sr. McGregor, o célebre escrevente estatístico, sobrecarregou a Companhia com 7.362 libras; um outro diretor e membro do Parlamento, o Sr. Humphrey Brown de Tewkesbury, que usou o banco para pagar sua campanha eleitoral, contraiu de uma vez uma dívida para o banco de 70.000 libras, e aparece ainda um débito na quantia de 50.000 libras. Outro gerente, o Sr. Cameron, teve adiantamento na quantia de 30.000 libras.

Todo ano, desde que o banco começou a operar, tem perdido 50.000 libras e ainda os diretores vêm a cada ano parabenizar os acionistas pela sua prosperidade. Dividendos de 6% foram pagos trimestralmente, embora pela declaração do contador oficial, o Sr. Coleman, os acionistas nunca deveriam ter recebido dividendo algum. Apenas no último verão, contas falaciosas na extensão de mais de 370.000 libras foram apresentadas aos acionistas, os adiantamentos feitos para McGregor, Humphrey Brown, Cameron & Co., figuravam sob a forma de apólices conversíveis. Quando o Banco estava completamente insolvente, novas ações foram emitidas, entre relatórios entusiasmados sobre o seu progresso e um voto de confiança a seus diretores. Esta emissão de novas ações não foi de maneira alguma vista como um meio desesperado para aliviar a posição do banco, mas simplesmente para fornecer material novo para a

fraude dos diretores. Embora uma das regras da carta do banco era não negociar em seu próprio interesse, esta parece ter sido a prática constante para sobrecarregá-lo, por meio de apólices, com suas próprias ações sempre que elas se tornassem depreciadas nas mãos dos diretores. O modo pelo qual a porção “correta” dos diretores fingiam ter sido enganados foi descrito por um deles, o Sr. Owen, numa reunião dos acionistas, como segue:

Quando todos os planos para iniciar este negócio foram feitos, o Sr. Cameron foi designado nosso gerente e nós logo descobrimos o mal de ter um gerente que nunca havia sido previamente ligado a nenhum banco em Londres. Em razão desta circunstância, surgiram várias dificuldades. Eu relatarei o que ocorreu dois anos e alguns meses atrás, quando abandonei o banco. Porque pouco antes dessa época eu não sabia que existia um único acionista endividado com o banco na quantia de 10.000 libras, seja por desconto ou adiantamento. Eu simultaneamente fiquei sabendo de um boato, algumas denúncias de que tinha uma grande soma devida por um deles por causa de descontos e eu perguntei a um dos contadores sobre o assunto. Eu havia falado que quando fecho a porta do salão, nada tinha a ver com o banco. O Sr. Cameron disse que nenhum diretor deve trazer sua própria fatura para ser descontada diante do Conselho. Ele disse que tal fatura deve ir para o gerente geral, por isso se eles trouxessem diante do Conselho nós nunca receberíamos comerciantes de alta reputação para o nosso banco. Encontrava-me nesta ignorância quando o Sr. Cameron caiu tão gravemente doente que não se esperava sua recuperação. Como consequência desta doença, o presidente e alguns outros diretores fizeram algumas indagações que nos revelaram que o Sr. Cameron fez um livro com chave particular que nós nunca vimos. Quando o presidente abriu o livro, ficamos todos realmente pasmos.

Coube ao Sr. Cameron dizer, sem esperar pelas consequências destas revelações, que ele, com grande prudência e preparação, expatriou-se da Inglaterra.

Uma das mais extraordinárias e características transações do Royal British Bank era suas conexões em alto grau com Welsh Iron Works. Numa época quando o capital realizado da Companhia atingiu 50.000 libras, os adiantamentos feitos para o Iron Works atingiram a soma de 70.000 a 80.000 libras. Quando a Companhia obteve pela primeira vez a posse deste estabelecimento, era um negócio inexecutável. Tornando-se executável depois de um investimento de algo como 50.000 libras, encontramos a propriedade nas mãos de um Sr. Clark, que, depois de ter trabalhado nisso “por algum tempo”, devolveu para o banco, embora “expressando sua convicção de que ele estava renunciando a uma grande fortuna”, desistindo o banco, de qualquer modo, de arcar com um débito adicional de 20.000 libras sobre a “propriedade”. Deste modo, este negócio continuou distante do domínio do banco quando o lucro parecia provável, voltando para ele quando novos adiantamentos eram requisitados. Esta prática burlesca os diretores estavam empenhados a continuar mesmo no último momento de suas confissões, não obstante obstaculizando as qualidades lucrativas dos empreendimentos, o que eles dizem pode render 16.000 libras por ano, omitindo

que eles têm um custo aos acionistas de 17.742 libras para cada ano de existência da Companhia. Os negócios da Companhia estão agora sendo levantados na Corte da Chancelaria. Muito antes que possa se realizar, entretanto, as aventuras do Royal British Bank foram sufocadas em meio ao dilúvio da crise geral da Europa.